



HELENA DE MACEDO

Helena de Macedo nasceu em S. Tomé e Príncipe, em Agosto de 1966, e veio para Portugal em Outubro de 1974. Nunca perdeu as suas raízes africanas e as peripécias vividas durante a infância, o clima e o sentimento de liberdade marcaram o desenvolvimento da sua personalidade, sempre aventureira, destemida e imaginativa. Aos 20 anos, a necessidade de assimilar o máximo do que o mundo tem para oferecer foi mais forte: saiu de Portugal para trabalhar em navios, sempre à procura de novos desafios e novas aprendizagens. Após alguns anos de interregno, proporcionou-se o regresso ao mar e a oportunidade de conhecer o mundo, abrir e enriquecer horizontes.

O primeiro romance foi escrito aos 13 anos e a partir daí escrever tornou-se mais do que um passatempo, respondendo à sua necessidade de dar forma ao que observa, a desafia e inspira. *Cartas com amor* é o seu primeiro romance publicado.

HELENA DE MACEDO

CARTAS COM AMOR

coolbooks

PARTE I

Sou uma mulher de paixões.

Não te conto todas as que senti, não há muito tempo. Talvez te conte apenas esta doce paixão que sinto por ti, porque é a única que conta, a única que me fez parar de viver.

Por vezes nascem do nada: uma expressão do olhar, um traço do rosto, um tom de voz, um sorriso, um aroma corporal, uma forma de estar... que aprecio à distância, silenciosa e inofensiva, acabando por se desvanecer sem deixar marcas, angústias ou lembranças dolorosas, dando lugar a outra, ou apenas a um intervalo em que entrego a minha imaginação a uma história inventada por outra pessoa.

Não creio que me lembre de todas, são muitas, mas o que sinto por ti é tão grande, intenso e diferente que tenho de registar, para que tome uma forma física se algum dia acabar, o que duvido. Desta vez não imponho nem tenho vontade de impor limites. Disseste-me um dia que a minha vida daria um livro. Ri-me, mas

agora acho que tinhas razão, agora que fazes parte integrante dessa vida de peripécias.

Aconteceste devagar, quase imperceptivelmente. Mostrei resistência a um ou outro sinal, talvez por antever o perigo, mas acabei por ceder ao teu sorriso raro que me ilumina, à tua forma de escutar e responder só com um olhar, com um pensamento. Aliviaste o meu lado doloroso, guiaste os meus passos em silêncio, trouxeste-me a razão quando a perdi... e não sabias da minha paixão.

Fugia de imaginar o que aconteceria se soubesses, sempre que nos sentávamos frente a frente e falávamos de trabalho durante as nossas reuniões.

Nesse momento não estava preparada para te assumir por completo. Ainda eras um objecto, estavas na minha imaginação. Podia colocar-te onde quisesse, vestir-te com o que mais gosto de te ver, atribuir-te as palavras, as frases, os gostos, as vontades que bem entendesse.

Partiste-me o coração no dia em que alguma sugestão minha originou uma gargalhada. Pensaste que estava a brincar. Quando percebeste que falava a sério pediste desculpa, não conseguias imaginar a minha ideia. Tenho alguma facilidade em visualizar as coisas antes de as concretizar, mas respondi que provavelmente não fazia sentido.

Surpresa das surpresas: mesmo sem conseguires visualizá-la, a ideia foi fazendo sentido e decidiste tentar. Resultou. Antes do fim do dia recebi um e-mail com um pedido de desculpa. Não fazia mal, respondi, o marketing é mesmo um trabalho abstracto.

Ao fim da tarde de uma sexta-feira nada melhor me poderia acontecer. Não só me tratavas cordialmente como me deste importância suficiente para te preocupares em pensar duas vezes em algo que eu disse, mesmo parecendo disparatado, e tiveste o cuidado de reconhecer que erraste e pedir desculpa.

Fui às compras, andei pelas ruas, olhei para as montras, fiz o meu jantar, sentei-me na minha cadeira de baloiço e olhei pela janela, a pensar que me tinha apaixonado novamente.

Acreditei que era mais uma das minhas paixões leves, relaxantes, imaginárias. Enquanto durasse, levar-me-ia para longe sempre que fosse preciso.

Este temperamento calmo e pensativo permitia que não precisasse de ninguém para preencher os espaços vazios à minha volta.

Moro sozinha, num último andar com quatro assoalhadas, herança paterna, que vou decorando calmamente, conforme me apetece e vou encontrando peças a meu gosto. Só tem coisas de que gosto, e convém dizer que sou o tipo de pessoa que nunca gosta do que os outros gostam, e vice-versa, por isso acho sempre que deve ser horrível. Nos raros momentos em que tenho companhia para fazer compras, ver montras, ou simplesmente falar sobre o que se gosta, nunca encontro ninguém com os mesmos gostos. Mas isso só acontece quando não tenho nenhuma paixão com que me preocupar. Agora tenho-te na minha cabeça durante todo o tempo em que estou em casa, limpando e arrumando com carinho, regando as minhas plantas, com o meu

gato *Fofinho* a cirandar à minha volta, enrolando-se nos meus pés, exigindo que eu pare de dar atenção ao resto e me dedique a ele. Às vezes, agarra-se-me a um tornozelo com as quatro patas e o rabo, e tenho de ir andando com ele por arrastão até um de nós se render. A maior parte das vezes sou eu que não resisto ao seu olhar malandro e sento-me no chão para a brincadeira da praxe. Depois, posso acabar de tratar das minhas plantas, mas sem demorar demasiado. A única coisa que não me impede de fazer é pensar em ti, sentada na minha cadeira de baloiço, olhando o vazio. Ele senta-se no meu colo com as patas dianteiras no meu peito e olha-me, sabendo que estou bem longe. Às vezes parece que se assusta com a minha ausência e poisa a patita no meu rosto, com a sua delicadeza felina. Quando o olho, fica parado, até ter a certeza de que regresssei. Depois enrosca-se a ronronar.

Os meus irmãos, emprestados mas muito queridos, que moram no apartamento por baixo do meu, pertencem ao lado preenchido da minha vida. Como tudo o resto, são um casal peculiar de irmãos: fazem anos no mesmo dia, mas com um ano de diferença. Dizem sempre que são gémeos, e toda a gente acredita. Já te contei que são os mais novos de nove irmãos. A mãe diz que se separou ao nono filho, não ao fim de 23 anos. A vida é complicada para uma mulher sozinha, os filhos mais velhos já levam a sua vida, longe, e estes dois levam os abanões desta nova fase. Prometi ajudar a olhar por eles. Quando descobri que a mãe tinha mudado de emprego e eles tinham de enfrentar

a caminhada para a escola sozinhos, apenas com 8 e 9 anos, quase enfureci. Eu estava ali, sempre pronta a ajudar, mas aquela cabeça complicada preferia deixar as crianças entregues a si mesmas.

Comecei a telefonar-lhes todos os dias para os acordar e levar à escola, antes de ir trabalhar. Às vezes, quando havia tempo, tomávamos o pequeno-almoço os três na pastelaria perto. Foi num dia em que adormeci e chegámos, ofegantes, em cima da hora, que te vi com os teus filhotes. Olhámo-nos com surpresa, expliquei-te que eram meus quase irmãos, apresentaste-me os teus filhos, fizemos a conversa de ocasião e afastámo-nos. Tinha um novo elo a ligar-me a ti.

Começaste e enviar-me e-mails. Primeiro com informações complementares, depois porque a nossa reunião se tinha de atrasar ou adiantar, depois porque tinhas uma ideia e querias a minha opinião, por fim, se não recebia o teu bom dia, ficava preocupada e era eu quem tomava a iniciativa.

O teu olhar começou a ser triste, por vezes distante. Pensei que fosse passageiro, mas não passou. Queria ajudar, mas não sabia como. Perguntei-te uma vez se estavas bem, num momento em que bloqueaste a meio de uma reunião. Os teus olhos ficaram marejados de lágrimas, não choraste por uma unha negra, mas preferiste não falar. Eu percebi que se falasses desatarias em pranto. Nem era o local ideal nem eu saberia o que fazer. Na realidade não sabia nada sobre ti, para além de que tinhas dois filhos, uma aliança no dedo, e que eras a minha paixão.

A Avó, com toda a sua sabedoria quase centenária, dizia que devemos viver a vida preocupando-nos com as pequenas coisas que dependem de nós, porque o destino se encarrega de nos trazer o que nos pertence.

Lembrei-me disso no preciso momento em que mais uma vez nos cruzámos, numa sexta-feira à noite, em que ambas arranjámos maneira de afastar a tristeza fazendo compras num centro comercial.

Os nossos olhos cruzaram-se quase em simultâneo e sorrimos.

Gastámos mais do que devíamos em extravagâncias, desde roupa a música e a livros. Descobrimos alguns pontos em comum.

Sentámo-nos para comer qualquer coisa, já cansadas e famintas.

Quando me falaste da separação, o teu olhar perdeu um pouco do brilho que ganhara durante aquelas horas. Era o teu primeiro fim-de-semana sem os filhos. Se não tivesses saído enlouquecias. Mudaste de assunto e eu respeitei.

Pediste-me para falar de mim, do meu ar africano, da minha serenidade. Disseste-me que há muito tempo que não te sentias tão bem. Sorri e respondi que se passava o mesmo comigo.

Já tarde, a pensar em ti, recebi a tua mensagem a perguntar se podíamos repetir. Claro que sim!

«Adormeci» mais vezes nessas duas semanas em que ansiava pelo teu fim-de-semana a sós. A Mariana e o Guigui estranhavam eu não ter pressa, não me preocupar em chegar em cima da hora como nos

outros dias e eu ria-me das carinhas deles. E lá estavas tu. Acenavas-me e seguias, de mãos dadas com os teus rebentos e carregada com as mochilas e os brinquedos predilectos.

A agenda da reunião da semana estava cheia, mas, se já nos entendíamos bem antes, agora era ainda melhor. Os assuntos estavam todos organizados e já com algumas soluções para serem discutidas. Foi mais uma conversa amena sobre trabalho. Quase como se estivéssemos sentadas no imenso centro comercial, cheio de pessoas, mas não déssemos por ninguém. Poderia jurar que sentias o mesmo. Poderia até jurar que descobririas em breve um sentimento um pouco diferente da amizade.

Telefonaste-me à noite, perguntando-me se podia-mos conversar. Os gémeos tinham adormecido deitados no outro sofá e o *Fofinho* estava enroscado nos meus pés. Ficou a observar-me, de olhar desconfiado, orelhas espetadas, ciúme em riste.

Falámos sobre as compras que tínhamos feito, do que tínhamos pena de não ter comprado, do que nos tínhamos esquecido de procurar.

A tua filhota acordou e veio a choramingar deitar-se no teu colo. Disse qualquer coisa e respondeste com carinho que tinha sido um sonho mau. Senti o carinho do abraço, o beijinho repenicado e a respiração dela, de cabeça deitada no teu ombro, enquanto continuávamos a conversar. Estava a ser muito duro para eles, disseste. É sempre muito duro, respondi. Mas é melhor assim, remataste.